

# © NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

## Editorial

Há uns dias atrás o mundo fangueiro entrou em polvorosa. Os nossos «Voluntários» estavam a impedir os automóveis de entrar nos caminhos que davam acesso ao pinhal do lado da Restinga. Que não senhor! Que Fão era dos fangueiros! Que aquilo não era uma coutada de ricos! Etc. e tal! — gritaram furibundos os habitantes locais virados para os soldados da paz.

## ABSURDOFILIA

Os bombeiros nunca se viram metidos em tais labaredas e a prova é que ao outro dia recolheram ao quartel. É claro que não tomaram uma iniciativa daquelas de motu próprio. De véspera tinha havido uma reunião na Câmara e a eles foi deferida tal incumbência, partindo-se do princípio que a sua presença seria menos agressiva que a da G.N.R.

Perguntaram-nos algumas pessoas se concordávamos com as medidas sugeridas pelas autoridades. É a isso que vamos responder aqui e agora.

Qual foi o objectivo da Câmara ao dificultar o acesso à Restinga? Pensamos que só um: *preservar o pinhal*. Nos demais anos aquela zona tem sido frequentada pela clientela mais heterogénea que deixa tudo à razão de juro. São papéis pelo chão, plásticos, excrementos,

(Continua na pág. 2)

## Morreu o Presidente da Câmara

O facto é já conhecido. No dia 16 de Julho um automóvel atropelou brutalmente o Eng. Losa de Faria na Av. Brasil, Foz, em condições que ainda se apresentam inexplicáveis. Levado para o Hospital de Santo António, logo foi rodeado de todos os cuidados que a ciência médica pôde juntar. O estado do doente era no entanto muito grave. Alternaram-se dias de desespero com

momentos de optimismo, mas no dia 30 de Julho, às 17,45 da tarde, o Presidente da Câmara morria em consequência de uma embolia pulmonar.

Num preito de homenagem muito sentida, os esposendenses quiseram que o seu corpo estivesse em câmara ardente no Salão Nobre do município, de quinta para sexta.

Foram milhares os munícipes que acudiram aos Paços do Concelho para prestar as últimas homenagens. Logo no princípio da noite de quinta formou-se um primeiro turno constituído pelos presidentes das câmaras do distrito e durante toda a noite e manhã de sexta os Bombeiros de Esposende montaram uma guarda de honra à volta da urna. Entretanto iam chegando centenas de telegramas e de telex, de entre os quais destacamos um do dr. Mário Soares e outro do Prof. Adriano Moreira.

A vereação municipal reunida para o efeito determinou quatro dias de luto. O C.D.S., partido a que o Eng. Losa estava vinculado, atribuiu-lhe a título póstumo a medalha de mérito do Partido.

Cerca das 14 horas, saiu o féretro a caminho da Matriz por entre alas compactas de povo. O Gov. Civil de Braga representava o Governo e Presidente da República. O Professor Adriano Moreira deslocou-se proposadamente de

(Continua na pág. 3)



Eng.º Alexandre Losa

## O PERFIL DE HOJE

por OSOAR FANGUEIRO

### Johane Anes de Faaom

Ao consultarmos o primeiro Livro de Vereações da Câmara Municipal do Porto, que contém as Actas das Sessões deste município, encontramos na sessão de 10 de Outubro de 1391, a presença de Johane Anes de Faaom, entre os «homens bons» da dita cidade.

Dado que voltamos a encontrá-lo nas sessões que se seguiram até 1 de Julho de 1395 no referido

Livro e, no segundo Livro de Vereações, entre 11 de Julho de 1401 e 26 de Agosto de 1402, com a indicação de «vezinho e morador» na referida cidade, verificamos tratar-se de um cidadão de reconhecido mérito, que teria trocado Fão pelo Porto, devido certamente à sua actividade comercial.

Em 27 de Julho de 1401 aparece como testemunha e em 28 de Ja-

neiro de 1402 aparece como interveniente num processo, em que é reconhecido como procurador da albergaria de Santo Alifonso (Ildefonso).

Mais tarde, encontramos o João Anes de Fão, na cópia do séc. XVII dum documento de 20 de Novembro de 1405, constante no Livro B, fls. 34 v.º do Arquivo Histórico da Câmara M. do Porto.

N. R. — Como se conclui do apontamento de Óscar Fangueiro, pouco se sabe deste nosso antepassado do séc. XIV. No entanto o facto de ele aparecer nas actas das sessões do município portuense como *homem bom* indica-nos que se trata de um cidadão com certo estatuto social. Era

(Continua na pág. 2)

# EDITORIAL

(continuado da pág. 1)

latas, restos de comida, enfim um desaforo. Um desaforo e um nojo. Ora a preocupação das autoridades concelhias é fazer de Fão ou de Ofir uma praia de qualidade, tendo em vista a existência de três unidades hoteleiras (mais de um milhão de contos) que não podem encerrar. Procura-se fazer de Ofir um oásis de limpeza, de descanso, uma zona de águas não poluídas, um refúgio, em suma, aquilo que o Estoril já não consegue ser e o Algarve também não. As nossas águas marítimas ainda não possuem coliformes nem a *salmonelatifus*. A atitude da Câmara insere-se nesta filosofia ecológica. É curial admitir que as dificuldades postas pela edilidade municipal não visavam os fangueiros. Aliás a Câmara sabe, nós, maratonistas de fim de semana, sabemos e todo o mundo tem disso conhecimento que os fangueiros não são utentes privilegiados do pinhal. Alguns vão lá roubar pinheiros. De longe em longe, quando o rei faz anos, uma ou outra família abanca ali para fazer um pic-nic. Quase ninguém lá vai. Apenas alguns pescadores e quaisquer pares furtivos se afoitam por aquelas bandas. Dizer o contrário é forçar a verdade.

Porém, naquela manhã do dia 12 de Junho, parecia que toda a gente era frequentadora assídua do pinhal.

Talvez que a Câmara e a Junta te-

nham falhado numa coisa. É que a população deveria ter sido alertada do que se ia passar, dos objectivos que se pretendiam atingir, da colaboração que lhe devia ser pedida. Sobretudo deveria dizer-se muito claramente aos fangueiros que ninguém pretendia sonegar-lhes o pinhal.

Resultariam tais demarches? Não sabemos. Confessamos, contudo, que nos surpreendeu pela positiva esta reacção da gente local. Afinal os fangueiros ainda mechem. É que nós ultimamente temos assistido a apropriações indevidas de terrenos sem que alguém toque uma palha para o impedir. O caso mais recente passou-se com a zona dos fieiros, na zona da Restinga, por cima do enrocamento construído para protecção da costa. Um proprietário apropriou-se de parte da vertente virada para o mar. Outros já lhe seguiram o exemplo. Como reagiram os fangueiros? Ficaram no clube a jogar às cartas.

Atente-se agora nos terrenos da Bonança que foram doados por D. Almerinda Casanova ao Hospital. Trata-se de um pinhal viçoso, tonificante, um deleite para a vista e para o olfato. Já uma vez a Provedoria tentou vender este terreno ao nosso amigo Maciel por um preço tão brando que o próprio Ministério da Segurança Social acabou por intervir e anular a venda. Ultrapassado o affaire Maciel, o Hospital desencadeou novo processo de venda desta vez a favor de um tal Pedrosa de Averomar. Para que queria este senhor o lindo e apetecível pinhal da Bonança?

Apenas para botar abaixo os pinheiros e levantar ali caixotes de betão armado.

Mas o caso não vai ficar por aqui. Ao que consta o homem do pinhal careca de Esposende desistiu da compra por morosidade burocrática de modo que a Santa Casa apronta-se para um novo licitamento. Entrementes o que fazem os fangueiros?

Continuam a jogar cartas.

Afinal mechem ou não mechem?

Em contrapartida a Câmara pretende só defender o pinhal, pretende a qualidade da nossa praia, deseja manter a natureza inalterável e os habitantes de Fão armam um berreiro dos diabos.

Em boa verdade somos uns absurdófilos.

## Os pregões de antigamente

«Oh que vivinha, meninas,  
Vivinha, oh que vivinha!»

Eram brados das varinas,  
Apregoando a sardinha,  
Com a canastra à cabeça.  
Vindas da Póvoa em corrida  
Trazendo, mal dia começa,  
Sardinha quási com vida.

Estes pregões que se ouviam  
Juntos aos da Francisca Rosa  
A nossa terra enchiam,  
Do Ramalhão à Barroza,  
De peixe fresquinho e bom.  
Mais lagostas, lavagantes  
E que nos cavalos de Fão  
Eram e são abundantes.

Não há bem que sempre dure  
E a ausência não perdure  
De peixe deste nosso mar...  
Que os pregões voltem ao ar,  
São os votos deste fangueiro  
Que continua a sonhar  
Com o Fão de antigamente  
Que ama ardentemente...

SÉRGIO MENDANHA

## O perfil de hoje

(continuado da pág. 1)

considerado vizinho o que nos leva a concluir, como O. F., que devia tratar-se de um comerciante com certa envergadura que passou a morar e fazer vida no Porto. Mas comerciante de quê?

De sal? Talvez já não. Dizemos isto porque muito embora em 959 Fão possuísse as melhores salinas desde o Minho a Aveiro, com o andar dos séculos elas vieram a perder a influência de outrora.

Comerciante de peixe? Podia ser. Os peixes pescados em Fão inundavam o distrito de Braga e é possível que fossem até ao Porto.

Mas podia ser também o dono de um barco ou um construtor naval que, iniciado em Fão, se passasse para a cidade invicta. Enfim, uma incógnita que só a paciente investigação de homens como Óscar Fangueiro poderá desvendar.

## Longa Vida



o que é bom da natureza

# UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

estamos a construir um banco do futuro

## O Mundo em que vivemos

### A irresponsabilidade assassina

*Aquele domingo, 20 de Julho, prometia ser um dia bem passado para Norberto Pereira Rebelo, sua esposa e seus dois filhos: Núria Maria, de 9 anos, e Alberto Simão, um pouco mais novo. Era o dia das Festas de Santa Justa, em Valongo, e eles não faltariam aos festejos.*

*Assim aconteceu e nada fazia prever que um dia aparentemente divertido e alegre estava marcado pela tragédia. Eram 20 horas. Hora do regresso. A 500 metros da Capela de Santa Justa, seguia o Norberto Rebelo, ao lado da esposa; à sua frente, caminhavam juntos os dois filhos. Tudo parecia calmo até que, subitamente, um automóvel surge,, descontrolado, investe contra a Núria e o irmãozinho e mata instantaneamente as duas crianças, antes o olhar incrédulo e horrorizado dos próprios pais. Um minuto apenas bastou para transformar a alegria em desespero, para destruir duas vidas inocentes e assim mutilar irreversivelmente uma família!*

*Segundo declarações de testemu-*

*nhas, o carro vinha já desgovernado desde a Capela e o seu condutor estava fortemente embriagado.*

*Lamentavelmente não é o primeiro acidente provocado por embriaguês de quem conduz e, infelizmente, não será o último. É apenas mais um caso em que uma pessoa vulgar se transforma bruscamente num assassino, por efeito de ingestão excessiva de álcool.*

*Ocorrê-nos deixar aqui algumas perguntas:*

*Com que consciência é que alguém que vai conduzir ingere bebidas alcoólicas em excesso? Com que direito é que um condutor põe em risco, além da própria vida, as vidas alheias? Onde está o sentido de responsabilidade dos nossos condutores?*

*Bom seria que todos os que se sentam diante de um volante tivessem bem presente que, tal como avisa insistentemente a Televisão, uns goles de bebida alcoólica a mais, são exactamente a diferença entre a morte e a vida!*

E. Real

## Pagaram a assinatura

Comandante Eurico Sampaio e Castro, Lisboa, 1000\$00; Rogério Morgado, Fão, 500\$; Artur Gonçalves Calafate, Fão, 500\$; António Reis Graça, Fão, 500\$; José da Fonte Gaifém, Fão, 500\$; José Manuel Correia, Fão, 500\$; Mário Ramiro Mariz Dias Ferreira, Porto, 500\$; Esperança Cubelo Arantes, Fão, 500\$; Manuel Sequeira, Porto, 750\$; José Maria da Costa Leite, Guimarães, 500\$; Pedro Viana, Fão, 500\$; Adelino dos Reis, Fão, 500\$; Dr. Norberto Manuel S. Mota, Fão, 500\$; João Baptista Evangelista, Fão, 850\$; José Cardoso, Fão, 1000\$; Benito Fernandes Esteves, Fão, 500\$; Mercearia Aurélio, Fão, 500\$; Amadeu Vassalo da Costa, Fão, 500\$; Manuel da Costa Figueiredo, Fão, 500\$; Manuel Belmiro da Costa Ferreira, Fão, 500\$; Maria Ferreira Lomba de Araújo, Fão, 500\$; Elvira Pires de Carvalho, Fão, 500\$; Bar President, Fão, 500\$; Umberto Didier, Porto, 500\$; Joaquim Artur da Costa Ferreira, Riba de Ave, 5000\$; Prof. Doutor José Morgado, Porto, 500\$; Arlindo Cardoso, 500\$; Maria Arlete Carneiro Fernandes, Porto, 500\$; José Reis Graça, Fão, 500\$; Aníbal Cabeleireiro, Fão, 500\$; Quenor Ribeiro, Fão, 500\$; Manuel Neves Ribeiro, Fão, 500\$; Alvaro Nogueira Valentim, Fão, 500\$; Augusto Bogo, Apúlia, 500\$; Manuel Deveza Sá Pereira, Almada, 500\$; João Emílio Sá Pereira, Fão, 500\$; Eng. Manuel Malafaia Baptista, Porto, 500\$; Cândido Lavandeira do Monte, Fão, 500\$; António Teixeira da Silva, Esposende, 1000\$; Maria da Conceição Torrinha, Guimarães, 500\$; Alvarino Silva Antunes, Fão, 500\$; João Pedras, Fão, 850\$; António Maria Car-

valho de Jesus, Fão, 500\$; Simplício Cândido Monteiro de Sousa, Braga, 1000\$; Manuel Afonso Novo, Fonteboa, 1000\$; Auto-Electrofão, Fão, 1.350\$; Horácio Lage Viana do Castelo, 500\$; Fernando Albino Gonçalves Neves, Porto, 500\$; José Bernardino Gomes do Vale, Fão, 850\$; Manuel Martins, Fão, 500\$; Luís Rodrigues Ferreira, Fão, 1.350\$; e Cândido Casanova, Fão 500\$.

### MORTE NO MAR

No dia 15 de Julho deu-se mais um afogamento no mar de Fão. Manuel Moreira da Venda, agricultor de Fonteboa foi ao mar, numa tradição que se perde na noite dos tempos. Levava consigo Francisco Félix de 33 anos.

A certa altura o barco adornou — parece que levava já muita água — a virou de seguida. Então o Francisco tentou vir a nado pedir socorro a terra. Não chegou ao seu destino pois entretanto imergiu nas águas. O arrais Manuel da Venda manteve-se agarrado à proa enquanto lançava gritos de socorro. Os seus berrões foram entretanto ouvidos por gente das torres que telefonou para os Bombeiros de Fão e Capitania. No entanto os esforços dos Bombeiros de Fão e do salva vidas de Esposende não foram necessários porque o banhista barcelense Jorge Quintela munido de um barco e com dois amigos foi em socorro do Manuel da Venda, trazendo-o para terra.

## Morreu o Presidente da Câmara

(continuado da pág. 1)

Lisboa para estar presente no enterro. Fizeram-se cinco turnos constituídos pelos Vereadores, elementos da Família, Presidentes das Juntas, Presidentes das Câmaras e Direcção do C.D.S.

A Igreja Matriz encheu-se e cá fora encontravam-se muitas pessoas por não terem entrada. As cerimónias religiosas foram presididas pelo Arcipreste de Esposende que foi acolitado por vários sacerdotes da região.

Findas as cerimónias da Igreja Matriz, formou-se um longo cortejo automóvel em direcção ao cemitério da Foz do Douro. Aqui chegado, o Presidente da Junta de Fão, Luís Viana, profundamente emocionado, lágrimas a escorrerem-lhe pela face, dirigiu um sentido e veemente adeus ao Eng. Losa, o que verdadeiramente chocou os presentes. Um terno de clarins dos Voluntários de Esposende fez-se ouvir no local no momento em que o corpo do Presidente baixava à terra.

É sempre triste deixar alguém no cemitério. No caso do Eng. Alexandre Losa de Faria essa tristeza foi grande e sensibilizou todo o concelho já que morreu em plena pujança da vida — 39 anos; exercia o cargo de Presidente da Câmara — o que é raro; era um autarca vigoroso, entusiasta, de ampla visão rasgada ao futuro, um homem que estava a impulsionar o progresso do concelho e sobretudo um Homem de classe, pois possuía a «convicção íntima de própria capacidade de encarar a vida, acontecesse o que acontecesse».

Não esquecemos que fomos nós quem levou a Coimbra pela primeira vez o caloiro Alexandre Losa, a pedido de seu Pai, quando foi fazer os Preparatórios de Engenharia.

Chegado a Esposende como uma incógnita, cedo se impôs como dirigente sagaz, decidido e revolucionário. Não haja dúvidas que o Eng. Losa dispôs de condições que os autarcas anteriores não tiveram mas que Esposende deu um salto em frente isso é inegável.

A sua morte veio trazer muitos problemas à administração local. Esperemos que tudo se resolva a bem do concelho.

A Prof. Laurentina Torres passa a exercer as novas funções de Presidente conforme determina a legislação em vigor.

Que seja bem sucedida são os nossos votos.

# O PINHAL DE OFIR na Assembleia da República

O deputado pelo P.R.D. do concelho de Esposende, dr. José Luís Correia de Azevedo apresentou ao Presidente da Assembleia da República o seguinte requerimento:

«No uso dos poderes que me são conferidos pela alínea d) do artigo 159.º da Constituição da República Portuguesa e pela alínea j) do artigo 5.º do Regimento da Assembleia da República, porque «tem sido frequente a vinda a público de notícias sobre o derrube desordenado de pinhal, em Ofir, na Freguesia de Fão, concelho de Esposende, como um atentado ao meio ambiente, à qualidade do Turismo e à qualidade de vida das populações locais, por razões que tem sido alegado, têm, muito menos a ver com a satisfação de necessidades básicas e muito mais com os interesses dos que beneficiam da especulação imobiliária», requeri, pela forma regimental, através de V. Ex.cia, ao Sr. Presidente da Câmara de Esposende, ser informado:

1. Se a Câmara teria adoptado medidas ou utilizado recursos que impedissem a continuação da destruição daquele pinhal?
2. Se existia um Plano de Ordenamento que previsse a sua preservação?
3. Se todo o ordenamento do litoral do Concelho de Esposende, nomeadamente das zonas protegidas por uma manta florestal, tinha em conta o conjunto da sua evolução geomorfológica?
4. Se os planos de urbanização e os licenciamentos para a construção têm respeitado ou, simplesmente, sido objecto de estudos prévios sobre o impacto e as alterações ao meio ambiente e à qualidade de vida por reacção à intervenção humana?

## Resposta da Câmara.

«Dando satisfação ao solicitado por V. Ex.cia, através do officio em referência, cumpre-nos informar o seguinte, na ordem das perguntas do Sr. Deputado:

1. Não necessitou a Câmara de adoptar medidas ou utilizar recursos, visto a deterioração do pinhal a que o Senhor Deputado se refere só existir na sua imaginação;
2. Sim;
3. Sim;
4. Sim;

Permita-me V. Ex.cia, que dirija ao Sr. Deputado uma pergunta: o Sr. Deputado conhece o Pinhal de Ofir; ou só ouviu falar? Teríamos muito gosto, se não o conhece, em lho mostrar, para verificar, «in loco», e não pela «frequente vinda a público de notícias» (sic), a falta de senso das afirmações do 1.º parágrafo do seu requerimento».

N.R. — *A resposta da Câmara é francamente chocante. A deterioração do pinhal de Ofir é um facto evidente e cerifiável a olho nu. Quem visitar aquele local pode verificar milhares de cotos de pinheiros que foram abatidos.*

*Congratulamo-nos com a iniciativa do deputado esposendense e só desejamos que não esmoreça perante uma resposta tão desencorajante.*

## AVENIDA DO RIO

A avenida do Rio está a ficar cada vez mais linda e cada vez mais feia. Vamos decifrar a charada. Mais linda porque está a ser bem arrumada com passeios de cimento e postes de iluminação. Mais feia porque cada vez tem mais ervas. Entendamo-os de vez. Fão é uma terra apetecível, com certa traça, com lindos cenários naturais. Mas

o nosso clima é mau, é do Norte e está tudo dito. Como cativar o forasteiro? Tornando-nos singulares, apresentando uma terra acolhedora, basicamente limpa, asseada. Ponhamos os olhos em Óbidos, terra sem grande comércio, sem grandes riquezas, mas essencialmente asseada, florida, tradicional. Os turistas são ali aos molhos, pois o tradicional, o típico, o asseio encanta-os.

Fão podia ser a Óbidos do Norte. Mas as ruas estão sujas, muitas casas apresentam-se degradadas, os contentores do lixo fedem que tresandam, as ervas daninhas avançam por toda a parte. Onde é que vamos ter?

Actualmente existem quatro homens de limpeza em Fão. O que fazem eles? É natural e lógico que trabalhem mas o seu trabalho devia ser planeado tendo em conta as estações do ano e sobretudo a época de Verão.

Nesta época a nossa terra devia estar arrumadinha, cuidada, agradável e não está. E isso lamenta-se.

## Poluição do Rio Cávado

A Espaço Livre, Centro Cultural de Esposende iniciou uma Quinzena de sensibilização do Rio Cávado, que teve início no dia 5 de Agosto com a organização de um colóquio realizado na Escola Secundária de Esposende pelas 21,30 horas.

No próximo número daremos um relato do que foi este colóquio.

Trata-se de um Iniciativa louvável que deve merecer o apoio Incondicional de todos os munícipes.

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEIÇÃO MEDICINA
- LENTES DE CONTACTO
- APARELHOS DE PRECISÃO

création

ARMAÇÕES  
OCÚLOS SOL

*AZAL*

# FANGUEIRADA II

Mais uma «Fangueirada» se realizou na nossa terra, desta vez na Esplanada dos Bombeiros e, como a noite estava excepcionalmente amena, uma verdadeira noite algarvia, foi uma casa cheia. Como correu?

Vamos por partes. A bilheteira foi boa e de tal ordem que já conseguimos comprar mais Bilhetes de Tesouro. Já vamos nos cento e setenta contos. Por aqui a coisa esteve bem. E quanto a cantorias?

Já lá vamos. Tivemos a actuação do Grupo Seara Verde, as canções de antigamente e ainda o Grupo de Coimbra.

Começamos pelo primeiro. Foi uma actuação longa e requintada. Reportório bem escolhido, apresentação primorosa, ritmo certo, boas vozes com destaque para as manas Jacqueline e Rosemaria, o grupo revelou personalidade, alegria, segurança e à vontade. Pode ser enviado a qualquer parte que não nos envergonha de modo nenhum. Mais ensaios, mais pesquisas, sempre muita dedicação e seriedade e o Seara Verde poderá bater-se em luta com os melhores. Não se esqueça que ali está Fão e os fangueiros nascem com a música na alma.

Passemos aos Cantares Antigos de Fão. Não se conseguiu o sucesso do Hotel do Pinhal, não senhor. Mas a musicalidade doce de Laia fez-se sentir, a Carmen esteve mais atrevida, a Dulce voltou a trinar, a Jacinta manteve o seu tom discretamente sério, a Tia Lú (Lourdes Ferreira) apresentou-se desinibida e com uma voz adamada, o Armando Solinho, muito seguro e entusiasta. Então o que foi que falhou?

Falharam a aparelhagem sonora (pouco colaborante) e o ambiente ao ar livre sem as condições acústicas da boite do Hotel do Pinhal. Foi só isso que foi diferente da outra vez.

Ainda da parte de Fão actuaram Zita Saraiva e Armando Solinho.

O Solinho travou com a Carmen um dueto amoroso que calu muito bem. Encheu depois a Esplanada com os acordes da Mula da Cooperativa (acordes e trejeitos) que fez delirar a assistência. Entoou ainda uma ode a vários nomes femininos com graça, tampo e chiste. Completo este Solinho.

Zita Saraiva foi acompanhada pelos homens de Coimbra em dois fados de traço mondegueño. Está num momento alto de forma e alguns estrangeiros até lhe pediram autógrafos, exactamente como se faz a uma start de fama.

Que dizer dos antigos estudantes de Coimbra? Em primeiro lugar que foram de uma generosidade inexcelsível. Vieram do Porto, de Braga e de Famalicão, não se cobraram de caxet, nem de gasolina e até comeram razoavelmente mal. Regaiaram-se vá lá, com as saborosas anedotas do Gomes Alves. Um parentesis para agrade-

cer aqui ao casal Armandino e Matilde Antunes a anfitriandade proporcionada aos antigos académicos. Enquanto nós andávamos à volta com o carvão, os frangos e a batedeira eléctrica, o casal Antunes acolheu os doutores com requintes de fidalguia. Bem haja por isso.

Que dizer da sua actuação? Que fazem um dos melhores agrupamentos que cultiva o fado de Coimbra.

O dr. Gouveia Ferreira advogado em Famalicão, foi um mago à viola. O dr. José Ferraz de Oliveira, médico no Porto, dedicou a guitarra com virtuosidade. Quando tocou variações em lá menor de Carlos Paredes, nós não exageramos ao afirmar que se fez esquecer o próprio Carlos Paredes, com a diferença de que um é profissional e o outro é amator. O dr. Gomes Alves que advoga em Braga é só e ainda um dos maiores cultores da canção coimbrã e nos dois fados com que nos brindou (não para todas as Marias) revelou um timbre de voz e uma profundidade de som verdadeiramente espectaculares. O dr. Normando Machado, advogado no Porto, doublé de fadistas e de show-man, encheu as medidas como ao outro dia se comentava em Fão «Ah! Esse é que foil» É multifacetado (toca vários instrumentos: viola, guitarra, cavaquinho, piano e acordeon) e canta tudo o que lhe apetece cantar: fado lisboeta, fado coimbrão, cantigas populares, cançonetas, rapsódias, tangos, etc. Deliciou-nos com algumas intervenções onde se destacou sobretudo a arte de saber cantar. Perfelto.

Finalmente um comentário à organização. Contava-se que aparecessem os bombeiros que estiveram no Pinhal. Não apareceram. Verdade que nessa noite a sirene tocou, mas não foi só por isso. Os bombeiros gostam muito do seu Quartel e de tudo o que à Corporação diz respeito. Por mor disso não gostaram nada que tivéssemos mudado para o Pinhal da outra vez, apesar de chover a potes. No dia 19 a festa realizou-se na Esplanada, mas ainda assim nós (organização) sentimos que éramos um corpo estranho naquele local.

Entendemos no entanto que na realização de festivais ou festas deste género há que ter consideração por quem os promove. Mas se não se gostar dos organizadores (pode-se não simpatizar com o nariz, o cabelo ou as orelhas), há que ter em conta a personalidade que se pretende homenagear. Mas se ainda o homenageado não recoiher as simpatias gerais, exige o bom senso que as pessoas atentem no mobil da homenagem, que no caso vertente consiste em criar um prémio escolar com o nome do Prof. Pio Rodrigues e que se destina a subsidiar os estudos de um escolar inteligente e pobre da nossa terra. Ainda o ano passado — ou seria há dois? — disseram-nos que havia nas nossas escolas uma ra-

pariga finíssima que não pôde seguir os estudos apenas por ser pobre para além do Ciclo. Lamenta-se e nós lamentamos profundamente que isso aconteça. Não será pois louvável e generoso proporcionar os estudos a um escolar necessitado? Não se deverá empenhar nessa nobre missão uma freguesia inteira que em tempos passados deu provas sobejas de generosidade a rodos? Que representa afinal a criação de um Hospital ou de uma Cantina? Generosidade, só generosidade, só generosidade, sempre generosidade.

O pessoal bombeiro que tem o altruismo por vocação, que dá a vida para salvar uma vida, não deveria ser tão exclusivamente amigo do seu bairro.

De qualquer modo houve dedicações que nos cumpre realçar. Seja-nos lícito colocar à frente o Chefe António (António Viana). Voluntarioso, competente, sempre bem disposto, a fama do seu caldo verde começa a passar as fronteiras. Uma holandesa quis saber à viva força a receita. Nós demos a fórmula mas não demos... a «mão» do António.

Ao mesmo tempo queríamos agradecer ao director José Artur Saraiva Marinho

(Continua na pág. 6)

## RETALHOS DE POESIA

No ano internacional da Paz, dedico este poema a todos os deficientes das guerras coloniais.

### A GUERRA

*Tantas vidas cortadas  
Como as suas pernas!  
Tanta esperança, sem luz  
Como os seus olhos!...  
E tudo à volta são trevas  
Sem lugar para mais sonhos!*

*Tantos sonhos amputados  
Como os seus braços,  
Sonhos de viagens e de espaços,  
Que ficaram enterrados  
Em longínquas terras!*

*Tudo é destruição agora,  
As manhãs, não têm aurora  
E os poentes não trazem amanhã  
Para eles, que são jovens e heróis  
Ficam de pé, somente, o pensamento,  
E intacta a sua alma sã!...*

*Porque lutais, homens indefesos,  
Se a vossa condição, é estarem presos,  
As ambições e vontade dos tiranos?...  
Lutais sim, pela liberdade e pela Paz  
Para ver se o paraíso se refaz  
E não sejam inúteis tantos danos!...*

CECILIA PAIXÃO DE AMORIM

## Presidente da Câmara apresenta plano global do concelho

(Continuado da pág. 10)

imediate para o que existe já uma verba de 1.000 contos. Não será pouco?

A construção do mercado e zona envolvente (início da Av. António Veiga) está já contemplada com a verba de 12.500 contos com o seu término em 1987.

O arranjo do caminho dos Lírios foi igualmente dotado com 2.845 contos, prevendo-se que seja uma obra a curto prazo. Caminho do Parque de Campismo-Bonança: 2.500 contos para 1987.

Aparecem ainda no plano de actividades: Largo do Estaleiro: 1.750 contos; Rua da Igreja: 900 contos; Rua de Rodas: 7.500 contos; Rua Cardoso Lopes: 500 contos; Sinalização: 1.500 contos; Rua de S.to António: 4.000 contos; Largo Amândio Teixeira: 500 contos; Cam. das Pedreiras: 3.476 contos; Cam. Agra de S.to António: 7.632 contos; Cam. de Agra dos Lírios: 5269 contos; arranjo da margem esquerda do Cávado: 15.000 contos (esta verba engloba arranjos ribeirinhos que ultrapassam a freguesia de Fão); arranjo da zona envolvente do salão paroquial: 3.300 contos; arranjo da Av. Ant. Veiga: mil contos.

A propósito de Escola de Música: atendendo à propensão dos fangueiros para a arte dos sons, e tendo em conta que nem uma escola preparatória, nem secundária está prevista para Fão, a implantação de tal centro devia ser feita na vila fangueira.

(cont. no próx. número)

## AUMENTE O SEU COLESTEROL

Cá estamos uma vez mais para ajudar o colesterol a subir, depois de saborear umas coisinhas gostosas. Para isso, aqui vai a receita do

### EMPADÃO DE PESCADA

Pescada — q. b.  
Batata — q. b.  
Leite — q. b.  
Margarina — q. b.  
Cebola e alho — q. b.

Cozem-se a batata e a pescada. Passa-se a batata pelo «passe-vite» e desfaz-se a pescada em lascas pequeninas, tirando-se a pele e as espinhas.

Faz-se um refogado leve com cebola e um dente de alho. Deita-se lá a pescada e mexe-se, juntando a segurar a batata, um pouco de leite e margarina, batendo até ficar como um puré.

Põe-se num Pirex, cobre-se com gema de ovo, e vai ao forno a alourar. E está pronto a servir. Que tal? É bem bom e pode substituir-se a pescada por outro peixe que se queira. Agora vamos ver uns biscoitos para o lanche:

### BISCOITOS DA AVÓ

Ovos — 2.  
Farinha — 250 gramas.  
Manteiga — 60 gramas.  
Açúcar — 1 chávena de chá.

Mistura-se o açúcar com a manteiga, deitam-se os ovos e a farinha (a qual deve conter fermento).

Mistura-se tudo, trabalhando um bocado, obtendo assim uma massa da qual se fazem os biscoitos, em feitio de argola.

Vão ao forno em tabuleiro untado com manteiga e polvilhado com farinha.

Logo que estejam loiros, retiram-se.

Esperamos que, com estas receitas, o colesterol dê a subidinha desejada, e despedimo-nos até à próxima, se Deus quiser.

Tia Mariquinhas

## FANGUEIRADA II

(Continuado da pág. 5)

toda a sua colaboração, pronta cedência das instalações, a sua presença permanente, a distribuição dos lugares, a venda dos bilhetes à porta e ainda o arrumo das cadeiras no final. Um gentleman. Manuel Ramos Morgado deu-lhe uma boa ajuda.

Outros nomes ao correr da pena: Amândio Padeiro foi um bom ajudante do Sherife, perdão do Chefe. Idem para o António Taborda e José Augusto Pereira.

Uma saudação especial para os «porteiros»: dr. Joaquim Galfem Soares (e cremos que os bombeiros estão todos) e Eng. Adelino do Vale. O motorista Álvaro Campos deu algumas ajudas.

Os «quadros» Eures: Maria Helena Pais e o casal Rafael e Filomena de Oliveira, deram um ar do que é uma Organização. A Maria Helena, nossa convidada de fim de semana, viu-se compelida a servir no balcão e tão bem se achou no métier que já fala em abrir um botequim. A Filomena foi de uma dedicação total. Um bravo para o esforçado João Senhorinha e para o «ensalador» Artur Costa, um homem que não agrada todo a Fão por ser de Esposende, nem é «total» de Esposende por se sentir também de Fão.

Um bravo também para o nosso amigo portuense Fernando Almeida que para além de se deslocar do Porto para assistir ao espectáculo e oferecer um óbulo para o prémio Prof. Pio Rodrigues, ainda teve artes de descobrir na plateia um tal Mr. Philips que explicou aos seus compatriotas o objectivo da festa.

A empresa Sovigal, de Gaia, ofereceu à organização 100 litros de vinho. Um grande abraço ao amigo Manuel Mota.

A aparelhagem sonora do nosso carro de som, onde o dr. Carvalho Matos exibiu mais uma vez os seus dotes radiofónicos, foi-nos amavelmente cedida por Armindo da Quinta Ferreira, o Armindo dos Frangos, como é mais conhecido. Graças, senhor.

Um agradecimento muito especial à proprietária da Casa Martins dos Frangos pela cedência do carvão.

Por último: perguntaram-nos algumas pessoas por que tal que o Mário (Belo) não entrou. Comprometeu-se para os sábados numa casa de fados e daí a sua não comparência. Mas ele voltará. Ou não fosse um baírrista... de guitarra.

## ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRAULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MAQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

Consulte-nos

## REIMELI, Lda.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO

AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845

# Fão de Antigamente

Há 60 anos



Fotografia de um grupo de banhistas, em frente ao Cortinhal, em Agosto de 1926. Familiares dos doutores Francisco Guedes Machado e Francisco Ferreira Carmo, médico que foi em Esposende. O dr. Francisco Guedes Machado, é o do centro, com chapéu de «panamá».

Ao longe vê-se o Monte de Faro. Não havia ainda paul. Atente-se na roupa das senhoras. Um dos meninos de chapéu é o nosso amigo Miguel Machado, marido da professora Maria Júlia Cubelo. Há 60 anos...

## Prémio Prof. Pio Rodrigues

Este prémio está a merecer da parte dos nossos leitores um agradável e encorajante apoio.

O nosso amigo Quim Ferreira, de Riba d'Ave, a quem nós por amizade enviamos o jornal, mas nunca supondo que o lesse, mostra-se um leitor atento de «O Novo Fanguero» e, como lhe é peculiar, interveio, sem que alguém lho solicitasse, num caso de solidariedade humana, enviando 5.000\$00.

O Prof. Doutor José Morgado, da Faculdade de Ciências, U. P., ao entregar-nos no outro dia a assinatura, deixou-nos dois mil escudos para o Prémio Pio Rodrigues, em seu nome e no de sua Esposa, Doutora Maria Helena Novais Morgado.

Também Manuel Afonso Novo, de Fonteboa, nos enviou 1000\$00, acompanhados de uma carta de que transcrevemos um excerto:

«Embora não sendo fanguero, aproveitei muito do saber desse homem — Prof. José Pio Rodrigues — por quem nutro ainda muita estima e respeito».

Que dizer? Que com estas ofertas, mais as seguintes receitas: Resultado da última Fanguerada — 73.512\$00, Jun-

ta de Freguesia, 10.000\$00, Fernando Marques Almeida (Porto) 500\$00, fomos comprar mais um Bilhete de Tesouro de cem centos. Este movimento é já imparável.

Uma Comissão de Senhoras da nossa terra apresta-se para levar a efeito ainda três realizações este ano: *Venda do Bolo* nos próximos dias 15 e 16 no Largo da Praça. Algumas famílias fangueriras vão ser convidadas a colaborar com um doce tradicional e feito em casa. Os bolos depois vendem-se nesses dias ao público.

Lá para Setembro haverá uma Noite Fanguerira nos moldes das que se fizeram anos atrás nos Amigos de Fão e que tanto êxito tiveram.

No Natal vai realizar-se uma *Quermesse*.

E assim toda a Freguesia se empenhará no Prémio Prof. Pio Rodrigues, que o mesmo é dizer, a vila de Fão, os seus habitantes e amigos vão possibilitar o prosseguimento dos estudos a um escolar pobre mas capaz da nossa terra.

## MÃOS DE MULHER

Como são maravilhosas  
As puras mão femininas,  
Quer sejam rudes ou finas,  
Enrugadas ou mimosas,  
Macias ou caleçadas,  
De esposa, de filha ou mãe.  
Dez pétalas, duas rosas,  
Onde tocam, delicadas,  
Deixam tudo perfumado  
Com o perfume do bem.  
Erguidas em oração,  
Lembram uma catedral;  
São o bálsamo esperado  
Por quem sofre no hospital.  
Abertas, são dois faróis  
Espalhando luz, calor,  
E mesmo fechadas, são  
Dois pequenos corações  
Semeando paz, amor  
E canções de rouxinóis.

Mãos de trabalho, de fidas,  
Partem, repartem o pão,  
Preparam as refeições,  
Tornam as jarras garridas,  
Cosmem roupas, fazem malas,  
Embalam diariamente  
Rosados botões a abrir,  
Acarinham docemente  
Pequeninas luas cheias  
Que estão num berço a sorrir.

Mãos que afogam entre os dedos  
Lindos caracóis ou tranças,  
E quase que estão a ler  
Os lindos sonhos, segredos  
Dos corações das crianças.

E foram Mãos de Mulher  
Que num gesto tão profundo,  
Um dia um Menino ergueram  
E a Deus Pai ofereceram  
O Salvador deste Mundo.

DINIS DE VILARELHO

## Rectificações

● No último número ao mencionarmos os nomes das crianças que em 1933 entraram na revista «Sem Fios» não aludimos a Maria Deolinda Henrique Ferreira, infelizmente já falecida que também tomou parte nos espectáculos dessa época.

● Também na notícia do casamento que fornecemos no último número o nome do pai da nubente saiu trocado. É Ernestino Magalhães do Vale e não Ernestino Miranda do Vale.

As nossas desculpas.

# A Fonte de Santo António

Era uma tarde diferente. O Sol, rei e senhor, sorria lá de cima, ao mesmo tempo que inundava a terra de luz e calor.

Eu caminhava penosamente por aquele caminho tão desprezado que me conduziria à ermida de S.to António da Fonte.

Só as recordações me davam coragem para prosseguir naquele emaranhado de silvas.

S.to António, curandeiro e casamenteiro, solitário no meio da pradaria, tu que tantas vezes foste solicitado para defenderes os animais domésticos dos seus males, a quantos corações apaixonados deste a tua bênção?

Recordo-me na minha mocidade ser hábito juntarem-se alguns pares de namorados e irem ao domingo passear até S.to António. Depois entretinham-se a

atirar a pedrinha ao buraco. Aqueles que acertassem era certo que casariam.

O buraco dos namorados fica mesmo por cima da Fonte. Lá em baixo a água, puríssima, reflectia a imagem das pessoas que se abeirassem.

Tudo eram risos, cantares, alegria... enfim era a vida na sua máxima expressão. Depois era descer os degraus da escada, para saborear um pouco de água fresca... dessa água milagrosa da fonte de S.to António.

Rezada uma oração, acompanhada de um pedido ao S.to António, os namorados regressavam. Pelo caminho apanhavam amoras madurinhas e saborosas. Os rapazes procuravam apanhar as que se encontravam em lugares de mais difícil acesso, e portanto as melhores, para depois as oferecerem à sua amada.

Tudo isto porém, pertence ao passado. Eu, depois de alguns arranhões provocados pelas silvas que tentam apoderar-se do caminho, cá me encontro à frente da capelinha. Mas... Que tristeza... Tudo é desolação e abandono! A sua fonte cheia de toda a espécie de porcaria, as suas águas, outrora cristalinas, encontram-se agora verdes e estagnadas.

Circudei a capelinha com dificuldade devido ao silvado que à sua volta prolifera. Aproximei-me das grades de uma das janelas e espreitei para dentro. Fiquei surpreendido. O S.to António não se encontrava no seu lugar. Fiquei horrorizado: será que o S.to António ofendido, com todo este estado de coisas, nos abandonou? Mas não! A capelinha tem todo o aspecto de estar em obras. Mas há quantos anos essas obras estiveram paradas? E só agora começaram...

O povo de Fão, tu que sempre foste

conhecido pelo teu bairrismo, tu que sempre tiveste orgulho na tua terra... como estás diferente.

Retiro-me pesaroso, os olhos postos no chão. No céu uma nuvem interpôs-se entre o sol e tudo agora parece mais triste.

Foi a morte de um sonho.

*José Ramos da Silva*

## RESTAURANTE CONCHINHA

Abriu ao público em Fão, na zona da praia, um novo restaurante, Conchinha é o seu nome, cujo proprietário é o nosso conterrâneo Valdemiro Lopes Cardoso. Trata-se de um empreendimento arrojado onde foram investidos alguns milhares de contos.

O nosso amigo Miro é actualmente e desde sempre o único empresário hoteleiro nascido em Fão. Começou como empregado do Sousa Martins no Hotel Ofir e acompanhou depois o patrão no Hotel Suave Mar durante alguns anos. Depois foi o salto do Ipiranga. Adquiriu a casa de chá na Avenida António Veiga e tornou-se concessionário da Estalagem Zende. O ano passado ficou com o snack-bar por baixo da terceira torre e este ano comprou o salão que fica também no mesmo local, transformando-o num moderno e airoso restaurante. Tem sido um sucesso e um motivo de satisfação para o ousado investidor.

Agora a sagacidade e a criatividade do Valdemiro tem de transformar o restaurante numa casa aberta e bem chela durante todo o ano.

Ao saudá-lo e desejar-lhe felicidades, queremos incluir no mesmo cumprimento sua dedicada Esposa Celeste Belo, o seu autêntico braço direito.

## AS ESCADINHAS DA PONTE

As escadinhas da ponte cheiram mal que se fartam, a xixi, já se vê. As pessoas podiam ao menos arrebatar para o rio mas procuram o conforto do socialinho e as escadinhas é que pagam as favas. É um mal costume, é um distintivo que já vem de longe. Estão a ver os estrangeiros: vão à ponte, extasiavam-se com a paisagem, tiraram umas fotografias às vaquinhas, depois deixam-se seduzir pelas escadas, vem por ali abaixo e entra-lhes logo pelas narinas aquele cheiro a bixódido de cavalaria que os embriaga. É o chamado welcome fanguelro.

A propósito: o pessoal da pesada ali do Quartel dos Voluntários não poderia dar uma ajudazinha com uma mangueira? Bem sabemos que é uma missão que não lhes diz respeito mas a nossa vergonha é tanta que lhes fazemos esta sugestão.



**o melhor café**  
é o da

**A BRASILEIRA**  
PORTO



★★★★★

estalagem  
**PARQUE DO RIO**

**OFIR**  
PORTUGAL

**UM LUGAR TRANQUILO**

Tel. 961521-2-3-4 — Telex 32066

## ENTRE NÓS

Recebemos a grata visita da nossa colaboradora Cecília Amorim que na companhia de seu marido, Major Amorim, aqui se encontra a passar o mês de Agosto.

Mais do que colaboradora, D. Cecília é uma indefectível amiga de «O Novo Fanguero» e uma apaixonada pela terra de Fão, terra onde mergulham as suas raízes familiares. Sente-se no dever de colaborar no nosso jornal e quando não o pode fazer, a sua amabilidade vai ao ponto de nos pedir desculpa.

Na impossibilidade de estar presente no aniversário do nosso jornal, sugere aos restantes colaboradores que se juntem num pequeno convívio de confraternização neste mês de Agosto. Ora bem. Nós apoiamos a ideia e lembramos o dia, ou antes, a data de 15 de Agosto. Vai haver a festa do Doce. A altura era ideal.

*Colaboradores de «O Novo Fanguero» de todas as partes uni-vos ... em Fão, no dia 15.* É salutar esta amizade que se vai gerando entre todos. E ao sr. Major Amorim, abaiço com as canadianas.

— Também se encontra em Fão, chegado do Brasil o nosso assinante e conterrâneo Valdemar Machado Viana. Trata-se de um velho amigo com quem compartilhamos a mesma carteira da escola no dia 7 de Outubro de 1938. Depois, na 2.ª classe o Valdemar foi para o Brasil mas deixou-nos uma roda de ferro e a respectiva ganchorra.

E o tempo rolou até que no último 3 de Agosto a gente voltou a encontrar-se. Um abraço, cara.

### FALECIMENTOS

● Faleceu no Brasil o nosso prezado assinante David Machado Viana.

Ainda em Agosto nos visitara. Parecia que tinha o mundo a seus pés, cheio de sonhos, projectos, viagens, muitas viagens de ida e volta ao Brasil. Era um fã incondicional de «O Novo Fanguero» que devorava por inteiro. Era também um doido pela terra.

Tanto amor, tanta dedicação, tantas saudades tudo isso afinal a morte um tanto surpreendentemente levou para baixo da terra.

Que descanse em paz.

● Com a idade de 61 anos faleceu no Hospital de S. João no Porto o nosso conterrâneo Joaquim Alves Solinho.

Sentindo-se mal, foi no seu automóvel àquela unidade hospitalar fazer uma consulta. O médico que o costumava tratar aconselhou o seu internamento. Afinal acabou por falecer.

O seu funeral efectuou-se no domingo, dia 3 de Agosto, para o cemitério de Fão. A família enlutada os nossos pêsames.

## NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saralva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saralva  
Dr.ª Maria Emília Corte-Real  
Tia Marquinhos  
Cecília Palhão Amorim  
Dinis de Vilarelho  
Sérgio Mendanha

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saralva  
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Clima, n.º 5 — Fão  
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

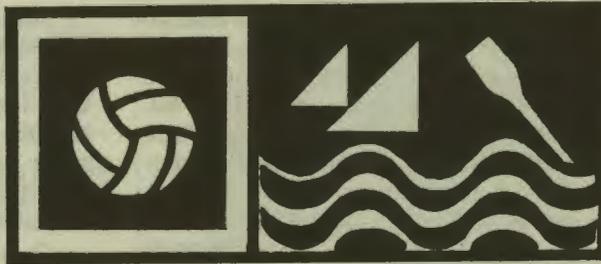
BINOGRÁFICA  
Praça João XXIII — Telef. 684318  
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual . . . . . 500\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através de «Os Correios» será por conta do assinante

## DESPORTO



### A II Maratona do Cávado Verde em Canoagem

Afinal quando se pensava que a morte em canoa de um jovem fanguero, ocorrida há meses, afectasse o desporto da canoagem na nossa terra, tal não sucedeu.

Efectivamente o mundo da canoagem nacional esteve em Fão para disputar a II Maratona do Cávado Verde em Canoagem. Ao todo apresentaram 118 atletas em representação de 10 clubes.

Disse-nos um nosso informador que os atletas já se conhecem, muitos são amigos, pelo que se pode dizer que a canoagem contribui para um melhor relacionamento entre as pessoas.

Os rapazes e raparigas do Clube Fãozense estiveram igualmente presentes e não deixaram os seus créditos por mãos alheias.

Em K2 Ramiro Novo e Lázaro Penetra obtiveram um 4.º lugar.

Ainda em K2 Cadete temos a registar o 2.º lugar obtido pelo par Belmiro Penetra/João Anunciação.

De parabéns estão os responsáveis pela Secção de Canoagem do Clube Fãozense, nomeadamente o seu patrão-mor, o nosso amigo Né Vieira.

Com muito entusiasmo nós temos que ser campeões, pois o mar e o rio são a nossa eradição e o nosso destino.

### CRISE NO FUTEBOL

Já se realizou a 5.ª Assembleia para a eleição de novos corpos gerentes do C. F. de Fão e ainda não há fumo branco. O prazo para a inscrição das equipas termina no dia 10 de Agosto.

Curiosamente não há dúvidas. Atletas ainda existem. Vogais para a Direcção, também. Falta o Presidente.

Será que vamos deixar morrer uma instituição local?

Hoje, sexta, realiza-se a derradeira assembleia.

### Ourivesaria na Póvoa de Varzim

Com o nome de António Augusto & Filhos, Lda, abriu na Rua da Junqueira — Póvoa de Varzim uma casa de Ourivesaria-Joalheria-Reijoaria-Antiguidades.

Trata-se de um estabelecimento decorado com distinção e arte onde o moderno e o clássico se dão as mãos numa simbiose perfeita. O seu proprietário, o nosso amigo e prezado assinante António Augusto Ferreira, aproveitou um edifício de fins do séc. XIX daquela artéria, teve o cuidado de manter incólume toda a traça neo-clássica que o caracteriza, retocou o interior com a referida modernidade-classicista e almejou obter um estabelecimento com o requinte e a seriedade que nós vimos parecidas às casas congéneres de Mônaco.

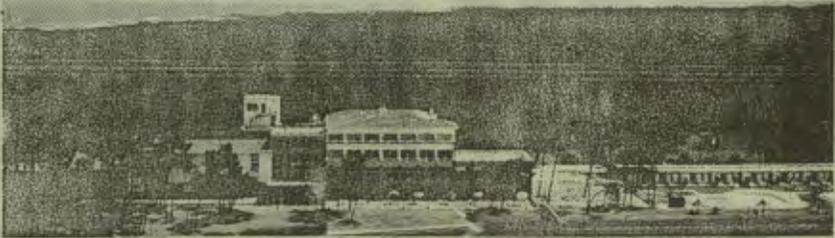
Para além deste decor agradável e sóbrio preenche o estabelecimento o balcão António Augusto, um joalheiro de creditada referência no Norte do País.



O descanso desejado...

**HOTEL DO PINHAL** ★★ ★

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857  
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.

# UMA CHÁVENA DE CAFÉ

por MARIA ARLETTE S. F.

Uns tempos atrás, Gustavo pediu-me um gato. Havia um amigo cuja gata tivera uma ninhada e quando eles crescessem um pouco mais e não necessitassem do leite materno, ele teria um, se eu permitisse. A verdade, é que os gatos diziam-me pouco e as pessoas que os tinham diziam-me menos ainda. Na minha infância e adolescência, convivera com outros animais: cães e gatos. Os cães existem ainda, hibernam nas estações frias e nas estações mais acolhedoras, passeiam pelo lago construído prepositadamente para eles, na casa dos meus pais. Os cães, esses já se foram. Morreram de velhice. Porém, o luto desses dias gravaram-se na memória, que nunca mais pensei em bicharada, nem tão pouco co-habitar com animais. E muito menos com gatos. Imaginava-os bárbaros, pouco amigos do seu dono. De facto, eu não conhecia esses bichos.

E o gato-bebé, lá apareceu: um gato vadio, todo negro. E, eu pensei dar-lhe o nome de Isidoro e colocar-lhe um laçarote amarelo. O Gustavo, apercebendo-se do meu desprezo natural e até duma pontinha de ironia, deu-lhe o nome de Black. Mas, nos meus afazeres domésticos, quando o gato passeia rente às minhas pernas, eu trato-o por Tolo.

O gato foi crescendo e a sua presença, tenho que reconhecer, impôs-se: nas sobras das refeições, num leito acolhedor, num recanto de areia, nos banhos semanais e até na coleira vermelha que o Gustavo arranjou.

Um dia, o gato atreveu-se a conhecer as redondezas, isto é, o mundo exterior. Os muros eram altos, mas ao fim de muitas tentativas ele entrou nos seus domínios de gato.

Uma manhã, apareceu numa das portas não habitual, pensei que não conseguira saltar para a varanda onde habita e peguei nele. Não miou, aniñou-se no seu leito de verga coberto de lã e recusou-se a comer ou sair durante dias. Reparámos então, que tinha duas feridas em sangue e que o faziam sofrer. O Gustavo, mais sensível e mais responsável, lá conseguiu que o pai lhe ajudasse a fazer o tratamento. As feridas eram agora visíveis, de tanto lambe-la, a pele branca avivava por entre o pelo negro do gato. Lá foram cicatrizando, e o Black voltou a ser o mesmo Tolo, miando pelas refeições, pelos mimos e começando a trepar aos muros novamente. Estive ausente cerca de uma semana e, quando voltei, reparei

na ausência do gato vadio protegido, isto é, quando quisesse voltar para comer ou dormir ele tinha o seu recanto. Avistei-o mais do que uma vez na companhia de um outro gato listado de tigre-doméstico.

Hoje, ao dirigir-me à cozinha para tratar do meu pequeno almoço, puxei

a persiana da porta para a luz matinal iluminar o aposento. O gato pateava o vidro. Abri-lhe a porta, ele roçou-se várias vezes pelas minhas pernas e eu comecei a falar-lhe e a censurá-lo das suas ausências. Tinha fome, comeu peixe e bebeu leite e não me largou, aquele Tolo. Como ia sair e os outros ainda dormiam, convidei-o a ir para a rua, mas recusou. Encolhi os ombros, fechei a porta e, ao tirar o carro da garagem, vi o triste espectáculo de um gato morto no meio da estrada. Era o gato listado, o amigo e-companheiro de Black. Resolvi nunca mais chamar-lhe Tolo.

4-7-86

## Presidente da Câmara apresenta plano global do concelho

Atrasado na Redacção

### A freguesia de Fão fortemente participada

Uma política de desenvolvimento subordinada a condicionantes de ordem ambiente constitui a base do plano do município de Esposende para 1986-89, apresentado pelo Eng. Losa de Faria num encontro com os homens da comunicação. Esposende (concelho) é essencialmente uma região de turismo e como tal a natureza tem que ser preservada a todo o custo. Nesta linha de pensamento foi esclarecido que as duas unidades de tinturaria do concelho que tem estado ultimamente à ordem do tribunal foram recentemente adquiridas por particulares, pelo que de ora em diante a Câmara irá exigir responsabilidades sobre os efluentes que lançados para regueiros vão desaguar no rio.

Falando das obras memoradas nas páginas de uma brochura que foi distribuída a todos os presentes (com clarinhas de Fão e vinho São Cláudio) opinam os expertos na matéria que a freguesia de Fão é a mais beneficiada em termos de cota de investimentos.

Acompanhem-nos os fangueiros numa vista de olhos aligeirada:

Na rubrica «Cultura, desporto e tempos livres» está prevista a construção de um Centro Cívico (1.ª fase) com início em 1988 e término em 1989. Verba consignada: 4.000 contos.

Ainda no ano de 1987 iniciar-se-á a construção de um Pavilhão Gimno-Desportivo que se prolongará pelos dois anos seguintes, sendo a obra dotada com 15.500 contos. Para 1988 está programada ainda a construção de um posto náutico, embora com uma dotação reduzidíssima: 500 contos. Como será?

O plano do pormenor a poente da EN 13 será feito, cremos, em 1986. Em 1987 investir-se-ão 30.000 contos e em 1989 40.000 contos para a construção de Habitações Sociais. (Continuação do bairro). Ainda em 1986 e 1987 serão dispendidos 17.000 contos em infraestruturas habitacionais. A rede de esgotos e a respectiva estação de tratamento e estações elevatória de esgotos, estes últimos comuns a Esposende e Fão, vão ultrapassar os 30.000 contos. Para 1987 e 1988 está prevista a ampliação do cemitério, estando rubricadas as verbas de 2.000 contos. Os Bombeiros vão receber este ano 1.500 contos para ampliação do Quartel. A remodelação da rede de água vai obrigar a uma despesa de 10.000 contos.

A instalação de um posto de Turismo (perto da antiga fábrica do Felgueiras) está prevista como uma obra de

(Continua na pág. 8)

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»  
FÃO